

Fall 2019

Claude Poullart des Places: a missão nasce do amor

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos>

Recommended Citation

Tavares, A. (2019). Claude Poullart des Places: a missão nasce do amor. *Horizontes Espiritanos*, 14 (14). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/horizontes-espiritanos/vol14/iss14/4>

This Wellsprings is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Horizontes Espiritanos by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

A MISSÃO NASCE DO AMOR



Agostinho Tavares, C.S.Sp.

Agostinho Tavares, C.S.Sp., era diretor de CESM. Licenciado em filosofia e teologia, ele partiu em missão em Angola. Voltando em 1987, ele trabalhou em formação, sendo mestre de noviços com especialização em acompanhamento espiritual e psicológica. Por um tempo ele trabalhou na formação de jovens Espiritanos em Paraguai e Angola. Voltando a Portugal faz quatro anos, ele acompanha grupos missionários enquanto ele funciona como diretor espiritual no Seminário Conciliar de Braga.

publicado originalmente em:

Missão espirítana 21–22

(Janeiro 2013) 52–70

Na vida espiritual, tudo é felicidade à graça! Tudo é resposta de amor e gratidão

Vida de Fé e Amor

“Todo aquele que confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus está nele e ele em Deus. E nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele. No amor não existe temor, antes o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor pressupõe o castigo e o que teme não é perfeito no amor. Nós amamo-lo, porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4,15-16.18-19).

A vida de fé é uma vida iluminada pelo amor de Deus revelado em e por Jesus Cristo. Como viver esta vida a não ser marcados pela imensa alegria de ser filhos de Deus? Na verdade, o Pai repete incansável e amorosamente ao nosso coração aquelas mesmas palavras que dirigiu a Jesus: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu enlevo” (Lc 3,22). E nós podemos dizer-lhe, movidos pelo Espírito: “Abba! Pai!” (Rm 8,15).

Estou profundamente convencido que a maior alegria e a maior dita que nos pode acontecer é encontrarmo-nos com este olhar de ternura e de amor de Deus. Em Jesus Cristo, Deus olha para nós não apenas como criaturas, mas como filhos queridos.

Na vida espiritual, tudo é felicidade à graça! Tudo é resposta de amor e gratidão, perpassada de júbilo, ao amor de Deus. À luz deste princípio, podemos assinalar alguns erros que podem ocorrer na vida de fé:

1º *Viver a vida de fé movidos pelo medo.* Medo do castigo, medo de chegar ao fim de mãos vazias, medo/ desconfiança de Deus. Mas isto é um absurdo. O discípulo de Jesus há-de viver a fé com profunda alegria, numa atitude de confiança ilimitada em Deus. Confiança de um coração de pobre, fundada - não nos méritos próprios - mas no amor e na misericórdia de Deus. De facto, o amor de Deus, manifestado em e por Jesus Cristo, abre o coração de quem nele acredita para esta confiança e expulsa todo e qualquer medo. Aliás, o próprio Senhor nos diz: “Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de novo no temor; recebestes, pelo contrário, um espírito de adopção, pelo qual chamamos: “Abba, Pai” (Rm 8,14-15; cf. 1 Jo 4,18).

Pois bem! E precisamente nesta perspectiva que nos situa Cláudio Poullart des Places, quando reza:

“Não serão os castigos que me adviriam do meu pecado a causa da minha prudência e da minha sensatez; mas o receio de vos desagradar e de ofender um Mestre que tão ternamente merece ser amado é que me conservará, meu Deus, na fidelidade que vos devo”.

2º *Entender a vida espiritual como o cumprimento de um dever.* Fazemos isto ou aquilo, vamos à missa ou ajudamos o próximo, porque está mandado, como se os mandamentos fossem uma imposição caprichosa de Deus. Esta é uma compreensão muito limitada e pobre da vida espiritual. Com efeito, quando o nosso coração se encontra com a beleza e a bondade do amor de Cristo, a vida de fé passa a ser vivida como uma resposta de amor e gratidão ao amor gratuito de Deus. Aliás, a própria fé é vista como dom precioso de Deus. Eis como o jovem Cláudio Francisco entende a sua relação com Deus:

quando o nosso coração se encontra com a beleza e a bondade do amor de Cristo

“Falai, meu Deus, quando vos aprouver. E visto que todo o mal que vos pude fazer, fazendo-me um mal infinito, não vos impediu de gritar por mim (de correr atrás de mim), agora, Senhor, que me arrependo da minha cegueira e renuncio de todo o coração a todas as coisas que me obrigavam a fugir de Vós, agora, Senhor, que venho procurar-vos e estou disposto a seguir todas as santas ordens da vossa divina Providência, descei ao coração em que, desde há muito, desejas entrar: não mais terá ouvidos a não ser para Vós e não terá mais afeições a não ser para vos amar como deve. Nele encontrareis um lugar que nenhuma paixão manchará, e, envolto pelas virtudes que a vossa santa lei me manda praticar, nele podereis dar-me a conhecer a vossa santa vontade. Nada no mundo será capaz de vos roubar um servidor que vos dedica, com a coragem digna de um cristão, uma obediência cega e uma infinita submissão”.

A obediência a Deus é obediência filial, amorosa, ditada pela confiança e pela gratidão do coração que reconhece o incomensurável amor com que Deus, desde toda a eternidade, nos ama.

3º *Pensar que é um favor que fazemos a Deus, quando acreditamos nele e vivemos de acordo com a sua vontade.* Se pensamos assim, exigimos retribuição e podemos até pretender negociar com Deus. Na verdade, se há favor, é da parte de Deus, que permanece sempre fiel no seu amor, mesmo quando lhe somos ingratos e infiéis. Aliás, se acreditamos em Deus, nada acrescentamos à sua glória e à sua grandeza. De facto, Ele não tem necessidade de ninguém para ser quem é. Nós é que temos - todos - absoluta necessidade dele. Daí que seja para nós uma grande graça e uma grande felicidade poder acreditar nele. Isto mesmo disse Isabel da Virgem Maria: “Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor” (Lc 1,45).

Cláudio Francisco manifesta, nos seus Escritos, profunda consciência de ter sido cumulado de bênçãos por Deus. E sente-se movido a responder com amor e gratidão ao amor misericordioso do Senhor:

“Quero, meu Salvador, a qualquer preço, tornar-me digno do vosso amor. Este é, agora, o limite dos meus desejos. O meu coração, até aqui, cheio de vaidade e de ambição não encontrava nada no mundo suficientemente elevado e grande para o encher. Não me admiro que coisas terrenas e perecíveis sejam incapazes de o contentar. Estava reservado para um Deus e encontra agora com que encher-se inteiramente. Não mais será ocupado senão por Vós”.

A Radicalidade do Amor

“Como o Pai me amou, também Eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor. Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo. O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”
(Jo 15, 9-13).

Num mundo que promove os desportos radicais e a adrenalina, seja-me permitido falar da radicalidade do amor.

*A radicalidade do amor
é, de facto, a radicalidade
essencial da vida cristá*

A radicalidade do amor é, de facto, a radicalidade essencial da vida cristá. Posso ter uma fé capaz de transportar montanhas, a generosidade de distribuir todos os meus bens em esmolas e a audácia de sacrificar a própria vida, se não tiver amor, de nada me serve e nada sou (cf. 1 Cor 13,1-3).

Importa deixar claro que a radicalidade do amor não tem nada a ver com o fundamentalismo. O fundamentalismo prende-se com a exacerbação do apego a uma ideia, a uma doutrina, a uma crença.

A radicalidade do amor tem a ver, outrossim, com a radicalidade que contemplamos em Jesus, que “levou até ao extremo o seu amor” (Jo 13,1). E a radicalidade de Jesus manifesta-se sobretudo no caminho que empreendeu desde o fazer-se Homem, assumindo a condição de servo, sem reivindicar ser tratado segundo a sua condição divina, até o dar a vida na cruz (cf. Fl 2,5-8), e o perdoar e pedir desculpa para os que O traíam e matavam tão cruel e injustamente (cf. Lc 23,34).

Jesus Cristo viveu a radicalidade do amor e convidou os seus discípulos a segui-lo até ao extremo de dar a vida (cf. Jo 15,13), perdoar e amar os inimigos (cf. Mt 5,44).

Mas como viver a radicalidade do amor? Ou então, como poder amar assim, ao jeito de Jesus? O que levou Jesus a seguir este caminho? Está claro nos Evangelhos: o viver profundamente unido ao Pai, com a consciência de ser o Filho muito amado do Pai: “Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que os céus se lhe abriram e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do céu, dizia: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência” (Mt 3,16-17; cf. Mt 17,5).

*O que levou Jesus a
seguir este caminho*

Só na medida em que vivermos unidos a Jesus Cristo e com a consciência viva do seu olhar de amor infinito é que nos será possível trilhar os caminhos da radicalidade do amor.

Isto mesmo podemos contemplar na experiência de vida do jovem Cláudio Poullart des Places. O encontro com a ternura do amor de Deus suscitou nele o desejo de corresponder ao amor do Senhor com a oferta pascal da própria vida:

“De todos os bens materiais, nada queria guardar a não ser a saúde para dela fazer um total sacrifício a Deus no trabalho das missões. E sentir-me-ia imensamente feliz se, após ter abrasado o mundo inteiro com o amor de Deus, pudesse dar, até à última gota, o meu sangue por Aquele cujos benefícios tinha quase sempre presentes”.

E nós vemos o jovem Fundador morrer aos trinta anos de idade, certamente esgotado pelo intenso trabalho que a obra do Seminário lhe exigia bem como a sua solicitude em ajudar as pessoas atingidas pela epidemia que então grassava em Paris. Como grão de trigo lançado à terra...

Gostava de fazer ver como esta radicalidade do amor - a autêntica radicalidade da vida cristã - também está presente em Francisco Libermann, o outro Fundador da Família Espiritana:

“O meu corpo, a minha alma, o meu ser e toda a minha existência pertencem a Deus. E se soubesse que havia em mim uma pequena veia que lhe não pertencesse, arrancá-la-ia e pisá-la-ia aos pés, na lama e na poeira. Os laços de caridade que me ligam e prendem ao meu Senhor Jesus são demasiado fortes para que possais rompê-los”.

Mais tarde, comentando o Evangelho de João, Francisco Libermann diria: “E uma grande felicidade para uma alma saber que é amada por Jesus. Este conhecimento torna-se nela o manancial abundante de uma confiança sem limites”.

Idêntica radicalidade podemos encontrar no Beato Daniel Brottier. Assim escreveu ele, no pedido que fez para ser admitido na Congregação do Espírito Santo:

“A vida missionária sempre a encarei, desde os doze anos, como a vida de um homem que quer sacrificar-se e imolar-se pela salvação das almas - depressa ou gota a gota, que importa? Se, no entanto, me fosse permitido exprimir a minha preferência, esta seria para a primeira eventualidade. Não queria ser presunçoso, mas se V. Ex. Rev. ma tem um lugar perigoso, onde seja preciso arriscar alguém, digo-lhe: Aqui estou!”

As Rupturas que o Amor Inspira

“Enquanto iam a caminho, disse-lhe alguém: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. Jesus respondeu-lhe: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. E disse a outro: “Segue-me”. Mas ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”. Jesus disse-lhe: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus” (Lc 9,57-60).

*A vida humana
está marcada, do
princípio ao fim, pelo
dinamismo da ruptura*

A vida humana está marcada, do princípio ao fim, pelo dinamismo da ruptura. O processo do nascimento é a primeira ruptura que todos nós vivemos. O começo da nossa vida está marcado por um grito de dor, de liberdade e de luz. E o fim da nossa vida? Que significa o último suspiro? Não é um grito, por vezes silencioso - Jesus soltou um grande brado, mas nesse brado proclamava: Deus está aqui! - de ruptura e libertação?

Neste sentido, falar de ruptura significa falar de nascimento: passagem para um novo modo e uma maior qualidade de vida. O que dá sentido à ruptura é o amor que engendra a vida.

Quando pensamos em ruptura, sentimos, quase sempre, uma certa repugnância, pois nos fixamos na parte de dor que ela comporta. Mas porque havemos de nos fixar na dor? Porque não havemos de pensar no maior grau de liberdade e de vida que a ruptura traz? Se uma Mãe se fixasse na dor, nunca nasceria uma criança. E, no entanto, vale bem a pena que uma criança nasça!

*Quem a todo o custo
quer evitar a ruptura
nunca chega a gerar
vida, nunca chega a
ter uma vida fecunda,
que valha a pena ser
vivida*

Quem a todo o custo quer evitar a ruptura nunca chega a gerar vida, nunca chega a ter uma vida fecunda, que valha a pena ser vivida.

Como viveu Cláudio Francisco Poullart des Places a realidade da ruptura? A primeira nota que vem ao de cima é a de um tempo considerável de hesitação. Desde criança, o jovem Fundador, sentia o apelo ao sacerdócio. Os pais, porém, acalentavam outro sonho. E embora fossem bons cristãos, recorreram a vários estratagemas para desviá-lo da vida sacerdotal.

A ruptura com o sonho paterno não foi fácil para Cláudio Francisco. Como ele mesmo confessa nos seus Escritos, tinha grande apreço pelos pais e pela irmã. Os laços do sangue prendiam-no, não o deixavam abrir o coração ao apelo de Deus. Hesitou durante vários anos, sem realizar a ruptura que o apelo do Senhor exigia.

Este género de ruptura é geralmente difícil para quem tem uma boa experiência de vida familiar. De onde vem a dificuldade? Parece-me que, em grande parte, se pode atribuir ao isto: Somos conhecidos; somos compreendidos; somos amados; sentimo-nos seguros. Daí a dificuldade em arriscar. Temos medo do desconhecido. Temos medo sobretudo de não sermos reconhecidos e amados.

A dificuldade torna-se ainda maior quando não compreendemos bem esta ruptura com os “laços do sangue”, quando pensamos que ela significa amar menos os que nos são queridos. Mas não é assim, quando esta ruptura acontece por razões de fé. Trata-se, outrossim, de amar de outro modo. Na verdade, acabamos por amar mais e com maior profundidade. Se acompanharmos as rupturas que a Virgem Maria viveu, encontraremos uma grande luz.

Deixo aqui, sem mais comentário, o testemunho de Cláudio Poullart des Places:

“E neste retiro, meu Deus, que espero que falareis ao meu coração e me tirareis, por vossa misericórdia, das inquietações embaraçosas em que me lança a minha indeterminação. Sinto bem que não aprovais a vida que levo, que me destinastes a algo melhor, e que é necessário que tome uma determinação firme e razoável para pensar seriamente na minha salvação”.

“Deus não me criou senão para O amar, servir e gozar depois da felicidade prometida às almas justas. Eis o meu único desejo, eis o fim para o qual devo dirigir todos os meus actos. Sou um louco se não trabalho em conformidade com este fim, visto que não devo ter nenhum outro”.

“O assunto é de enorme consequência. Daí que vos peça que venhais em minha ajuda. Estais comprometido, Senhor, em conduzir os meus passos, pois estou decidido a seguir o caminho que me indicardes. Renuncio a todas as vantagens que poderiam lisonjear-me e que não aprovais.

Falai, meu Deus, ao meu coração; estou disposto a obedecer-vos”.

Na análise que fez para discernir a que estado de vida Deus o chamava, Cláudio Francisco, ao ponderar o estado de vida religiosa, comentou para si mesmo:

“Como conciliaria a tua solidão com a inclinação que tens pela minha irmã? Tu ama-la ternamente, não suportas estar muito tempo longe dela. Meu pai está velho e deixará negócios consideráveis que pouca gente além de mim seria capaz de pôr em ordem. Sabes as minhas obrigações para com o pai e a mãe que me deram a vida. Não se oporão a minha vocação, quando souberem que é santa; mas não seria para eles uma consolação ter-me no mundo e contar comigo?”.

Esta foi uma ruptura que Cláudio Francisco viveu com perplexidade e sofrimento. Custou-lhe anos de hesitação e de fuga. Mas acabou dando, aos 22 anos, o passo que a fidelidade ao apelo do Senhor requeria. A outra ruptura, que a seguir abordaremos, prende-se com a sua natural ambição.

A Logica da Pascoa de Jesus

“Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem neste mundo aborrece a sua vida conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém quer servir-me, que me siga” (Jo 12,24-26a).

Não foi apenas a ruptura com os sonhos paternos que Cláudio Poullart des Places teve de realizar para seguir Jesus Cristo e ser fiel a vontade de Deus. Na verdade, na medida em que vamos correspondendo à graça, Deus leva-nos sempre para mais longe, porque nos interpela e nos move com a força do seu amor infinito.

A outra ruptura que Cláudio Francisco viveu tocou na raiz do seu ser ... a ruptura com o “coração de pedra”

A outra ruptura que Cláudio Francisco viveu tocou na raiz do seu ser, na profundidade da sua alma: foi a ruptura com o “coração de pedra” - coração endurecido pelo egocentrismo, mais concretamente pela ambição - a fim de poder receber de Deus, pela força do Espírito, um “coração de carne”, capaz de amar sem medida, até a oferta da própria vida. Eis como ele fala desta ruptura:

“Vamos, minha alma, é tempo de te renderes a tantas perseguições amáveis. É necessário que, por assim dizer, mude de natureza, que me despoje do velho Adão para me revestir de Jesus Cristo”.

“Meu Deus, terei inimigos a combater. Defendi-me contra estes tentadores, e visto que o mais temível é a ambição, a minha paixão dominante, humilhei-me, abatei o meu orgulho. Consinto nisto, meu Deus, contanto que me ameis sempre e eu vos seja querido”.

Esta ruptura tão radical, dificilmente se faz só num dia. Num dia, podemos tomar a decisão de mudar de vida. Mas a mudança como tal é progressiva, por vezes, quase imperceptível. Repare-se no processo de transformação de uma semente em planta. É algo de semelhante ao que aqui acontece. A mudança é progressiva e depende, antes de mais, da acção do Espírito, e, depois, da nossa fidelidade a graça (docilidade ao Espírito).

Esta é talvez a ruptura que mais dói. E dói, não porque Deus tenha gosto em ver-nos sofrer - como pode um Pai, que é Amor infinito, ter gosto em ver um filho querido sofrer? -, mas por causa da dureza do nosso coração. E quanto mais endurecido estiver o nosso coração, maior será a dor. Dor que é provocada pela nossa resistência à acção do Espírito; resistência que é causada por aquilo que em nós é a raiz do pecado: orgulho, ambição, vaidade, avareza, hipocrisia, luxúria...

Quando aceitamos entrar no dinamismo desta ruptura, começamos a trilhar o caminho da primeira bem-aventurança, o caminho da pobreza e da humildade.

Para Cláudio Poullart des Places, enveredar por este caminho implicou realizar uma terceira ruptura, que marcou decisivamente a sua vida. Ruptura que levou a cabo em pouco tempo, embora de modo progressivo: a ruptura com o mundo aristocrata em que até então se movimentara. Por outras palavras: passagem do mundo dos ricos e poderosos para o mundo dos pequenos e pobres.

*Por outras palavras:
passagem do mundo dos
ricos e poderosos para o
mundo dos pequenos e
pobres*

Começou por prescindir da carreira eclesiástica, recusando diplomas e optando por pertencer ao baixo clero; abandonou as vestes aristocratas; declinou benefícios; partilhou com os pobres; foi, por fim, viver com os pobres: pobre com os pobres e servindo os pobres. Daqui até ao dom total da vida foram apenas sete anos. Mas desta semente de amor lançada à terra, no campo dos pobres, nasceu a Congregação do Espírito Santo.

“Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 24 ,12). É a lógica da Páscoa de Jesus. Não podemos segui-lo se não nos determinarmos a entrar neste dinamismo da vida que se dá; que se dá a Deus, em serviço de amor aos irmãos.

A Purificação da Fé e do Amor

“Disse Jesus ao que O tinha convidado: ‘Quando deres um almogo ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te por sua vez, retribuindo-te assim. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; sete-á retribuído na ressurreição dos justos’” (Lc 14,12-14).

Após o retiro de conversão e discernimento vocacional, Cláudio Poullart des Places viveu momentos de grande fervor espiritual, que podemos situar no contexto da oração de afeição de que fala Francisco Libermann: “Estado de oração em que a pessoa, tocada por uma impressão sobrenatural e sensível, vai a Deus e ao que lhe pertence com violência. É uma oração de amor a Deus”. Foi a partir dessa luz nova que o amor de Deus suscitou no seu coração que Cláudio Francisco fez o caminho de ida aos pobres, que o levou a fundar o Seminário do Espírito Santo.

Cerca de três anos e meio mais tarde, Poullart des Places, durante um retiro, que fez em Dezembro de 1704, escreveu:

“Não seria demasiado se tivesse lágrimas de sangue para chorar a minha miséria. Não sou mais do que um homem que tem alguma reputação de viver ainda, mas que está, sem dúvida, morto. Feliz de mim se na minha extrema desgraça não vou mais longe.

“Cheio de vaidade e presunção como sou, e, por outro lado, tão infiel à graça, porque não haveria de temer um abandono total do meu Deus? Se esta desgraça ainda não me aconteceu, devo-o unicamente à sua infinita misericórdia. Sempre cheio de ternura para comigo, permitiu que fizesse este retiro numa altura em que não pensava nisso.

“Devo crer, além disso, que Deus terá ainda piedade de mim, se voltar para Ele de todo o coração. Repleto desta confiança, pela graça ainda do meu Deus, vou examinar qual é o caminho mais curto para voltar a alcançar aquele sem o qual, por mais que faça, não posso viver um momento de paz”.

Este impressionante testemunho faz-nos compreender que o jovem Fundador atravessou um período de crise espiritual, chegando mesmo a duvidar da obra a que dera vida: como que um deserto de purificação espiritual de que já falamos na primeira parte deste livro. Neste deserto de purificação, Cláudio Poullart des Places teve de rever a sua relação com Deus e as suas motivações.

Ao olhar para a sua caminhada, Cláudio Francisco apercebe-se de que, mesmo no meio das dificuldades, Deus foi usando para com ele de uma amorosa pedagogia, que permitiu precisamente que ele se tivesse mantido numa atitude de vigilância. Neste momento crucial do seu caminhar espiritual, o jovem Fundador poderia ter sido levado a sucumbir à tentação do orgulho, do desânimo e conseqüente abandono da obra que fundara, como ele proprio atesta:

“Penso, antes de mais, que a origem do meu relaxamento (ou, para falar mais justamente e como devo), foi o ter saído demasiado cedo da solidão, ter-me expandido para fora, ter empreendido o estabelecimento dos estudantes pobres e ter querido manter a obra. Não tinha bastante fundo de virtude para isso, e não tinha adquirido ainda suficiente humildade para me pôr à cabeça desta boa obra.

*o jovem Fundador
poderia ter sido levado a
sucumbir à tentação do
orgulho, do desânimo e
conseqüente abandono da
obra que fundara*

“Era um meio subtil e tanto mais perigoso quanto me parecia ser um bem, para fazer voltar a entrar pouco a pouco o orgulho no meu coração. Não me enganaria, assim, em crer que o demónio se tivesse transformado nesta ocasião em anjo de luz para me seduzir. Nem sei que pensar disso. O que me aconteceu faz-me recear que me tenha enganado”.

Cláudio Francisco encontra-se aqui perante o risco em que sempre podemos incorrer da ilusão do “bem aparente”. A Obra que fundara era, em si, boa. Mas as motivações podiam não o ser. Para o perigo deste engano, o próprio Jesus chama a nossa atenção: “Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles. De contrário, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está nos Céus. Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti...” (Mt 6,1ss).

Neste momento crucial da sua caminha espiritual, seduzido pela infinita misericórdia com que o Senhor o protegera, Cláudio Francisco voltou-se para Deus, numa atitude de abandono e confiança.

quando o coração humano é tocado pelo amor de Deus, sente-se impelido a responder com entusiasmo e generosidade

O jovem Fundador aprendeu, não sem dor e perplexidade, que, quando o coração humano é tocado pelo amor de Deus, sente-se impelido a responder com entusiasmo e generosidade. Mas precisa de não confundir esse entusiasmo inicial com a santidade. Na verdade, o crescimento na santidade de vida passa necessariamente pela purificação da fé e do amor, pela purificação das motivações.

A purificação da fé e do amor é sobretudo obra da acção do Espírito Santo. Mas esta purificação também supõe colaboração da nossa parte. Ela implica a purificação da imagem que temos de Deus. Comporta a purificação da imagem que fazemos de nós mesmos bem como do ser humano em geral. Supõe ainda a purificação do amor, que leva o nosso coração a aprender a amar Deus por Deus mesmo e a amar os irmãos com o mesmo amor com Deus os ama - ao jeito de Jesus.

A Purificação das Motivações

“Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para vos tornardes notados por eles. De contrário, não tereis nenhuma recompensa do vosso Pai que está nos Céus. Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo, já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai, que vê o oculto, premiar-te-á. Quando orares, não sejas como os hipócritas, que gostam de rezar, de pé, nas sinagogas, e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, recompensar-te-á” (Mt 6-6,1).

Jesus Cristo indica-nos um caminho de felicidade: Do amor de simpatia ao amor gratuito. Para percorrer este caminho, precisamos de purificar as razões do nosso amor. Jesus revela-nos um olhar preferencial: O seu olhar de amor incide preferencialmente sobre os “esquecidos” e “não amados”: o paralítico de Betsaida (Jo 5,1-9). O seu olhar fixa-se nos mais “pequenos”: a viúva que deita a mais pequena moeda; Jesus faz notar o valor da sua oferta, que vem do maior grau de generosidade (Mc 12,41-44). O seu olhar fixa-se nos mais “desprotegidos”: a viúva de Naim (Lc 7,11-17). O seu olhar fixa-se nos mais “pecadores”: Zaqueu, Madalena ... As parábola da ovelha perdida e do publicano que reza no Templo ...

*A purificação da fé
e do amor passa pela
purificação das motivações
do nosso viver e agir*

A purificação da fé e do amor passa pela purificação das motivações do nosso viver e agir. E, aqui, importa saber que podemos ser prevalentemente motivados pelas emoções ou podemos sê-lo predominantemente motivados pelos valores do Reino de Deus.

A imagem que cultivamos e que queremos que os outros tenham de nós. O querer estar no centro das atenções. O querer ser bem-visto, ter renome. O querer ser o primeiro, o melhor. O querer ter êxito, ser visto, aparecer como pessoa de sucesso social. O querer receber elogio e aplauso. O querer ocupar lugares de honra. O querer ser valorizado, apreciado, querido, amado ... Condicionam muitas vezes e de modo inconsciente, as nossas atitudes e comportamentos.

Os exemplos concretos que Jesus nos apresenta (Mt 6, 1-8) – dar esmola, orar – são exemplos de “boas obras”. Quando as obras são más, é-nos mais fácil ver que as nossas motivações são contrárias aos valores do Evangelho. Mas caímos facilmente na armadilha, quando aquilo que fazemos é, em si, uma “boa obra”, como era a obra que o jovem Cláudio Francisco empreendeu. A armadilha está nisto: Rezar é bom. Dar esmola é bom. Ajudar os outros é bom. Quem pratica tais acções, colhe facilmente o aplauso e a consideração dos outros. Que os outros nos reconheçam, em si, é bom. A questão está em fazermos o que fazemos apenas ou principalmente para receber o aplauso, o reconhecimento, a aprovação, a estima.

Agir na presença de Deus, não querendo ser reconhecidos e apreciados a não ser por Ele

Jesus indica-nos a motivação profunda que há-de estar na raiz de tudo o que fazemos ou deixamos de fazer: Agir na presença de Deus, não querendo ser reconhecidos e apreciados a não ser por Ele. O louvor, o aplauso, o reconhecimento dos homens, são recompense. Mas são recompensa passageira, sem peso de eternidade. Aliás, os mesmos que hoje aplaudem, amanhã condenam. Jesus diz-nos que a recompensa autêntica é a que nos vem de Deus. E é esta que Ele nos convida a procurar em tudo o que fazemos.

Quando Cláudio Francisco empreendeu a fundação da Comunidade/seminário do Espírito Santo estava bem intencionado. Ele queria agradar a Deus e servir os mais pobres. Mas os dinamismos de pecado iam atraíndo a sua generosidade, como ele próprio confessa:

“Sei muito bem que podia, aproveitando fielmente todas as graças de Deus, permanecer absolutamente vigilante e firme no meio das minhas ocupações. Podia, portanto, aguentar-me perfeitamente é verdade, e podia crer assim, de certo modo, que não fazia senão a vontade de Deus. Era, no entanto, difícil, que permanecesse de pé e a cabeça não me desse voltas. Era um meio subtil e tanto mais perigoso quanto me parecia ser um bem, para fazer voltar a entrar pouco a pouco o orgulho no meu coração.

“Deixei o mundo para buscar Deus, renunciar à vaidade e salvar a minha alma. Será possível que não tenha senão mudado de objecto e conservado sempre o mesmo coração? De que me serviria então ter dado o passo que dei”?

Diante da crise espiritual que atravessava, Cláudio Francisco interroga-se a fim de discernir o fundo das suas motivações. Na verdade, parar, reflectir, rezar, fazer algumas perguntas, pode ajudar-nos a permanecer vigilantes e a purificar as motivações do nosso viver e agir:

O que é que determina as minhas escolhas: agradar a Deus ou fazer o que me agrada

O que é que constitui a fonte inspiradora da minha vida? Qual é, de facto, a razão de ser da minha existência e da minha acção? O que é que, de modo geral, me leva a agir? O muito ou o pouco que faço, faço-o porquê? Quando faço algo ou deixo de o fazer, sou movido pelas minhas emoções ou pelos valores do Reino? Actuo em função do que me agrada ou não agrada, ou em função dos valores implicados no seguimento evangélico de Jesus Cristo? O que é que determina as minhas escolhas: agradar a Deus ou fazer o que me agrada? Servir os meus irmãos ou servir-me deles e ser por eles servido?

Ser Homem Segundo o Coração de Deus

“Vós, porém, não aprendestes assim de Cristo, se é que dele ouvistes falar e nele fostes instruídos - consoante a verdade que existe em Jesus - a despojar-vos do homem velho, no que diz respeito ao vosso passado, do homem corrompido pelas paixões enganadoras; a renovar espiritualmente a vossa inteligência e a revestir-vos do homem novo, criado em conformidade com Deus na justiça e na santidade verdadeiras” (Ef 4, 20-24).

No auto-retrato que faz de si mesmo, a fim de discernir melhor o apelo de Deus na sua vida, o jovem Cláudio Poullart des Places olha-se tal qual é, com seus dons e virtudes, seus limites e defeitos: mostra-se autêntico e verdadeiro consigo próprio e com Deus

Pois bem, a Palavra de Deus acima referida remete-nos para “a verdade que existe em Jesus”. Ora, essa verdade prende-se com o ser homem, plena e verdadeiramente homem: “homem novo”, “criado em conformidade com Deus”.

*o primeiro apelo que
Deus lhe dirige é o de ser
verdadeiramente homem*

No retiro decisivo que fez de conversão e discernimento vocacional, Cláudio Francisco, tocado pela ternura do amor de Deus e iluminado pela sua Palavra, toma consciência de que o primeiro apelo que Deus lhe dirige é o de ser verdadeiramente homem: entende que Deus lhe pede uma mudança profunda na sua vida: “É necessário, por assim dizer, que eu mude de natureza, que me despoje do velho Adão para me revestir de Jesus Cristo”.

Esta mudança radical que Deus lhe propõe não nega de modo algum o seu ser homem. Aliás, a mudança que Deus quer realizar nele, não sem o seu consentimento e colaboração, tem em vista levá-lo a ser verdadeira e plenamente homem: “Quereis, meu Deus, que eu seja homem, mas que o seja segundo vosso coração”.

Na sua passagem por Fátima, Paulo VI deixou este convite aos homens do século XX: “Homens, sede homens!” Palavras tão surpreendentes quanto extraordinariamente simples e profundas.

É uma tentação e um engano que tem acompanhado o ser humano desde o começo do seu peregrinar neste mundo: pensar que Deus é uma ameaça, um rival que lhe tolhe a liberdade, que o impede de ser plenamente homem. Trata-se, na verdade, de um tremendo engano e, o que é pior ainda, de uma tentação suicida.

Na verdade, o que Deus quer - e nisso está tão empenhado que Jesus Cristo foi ao extremo de dar a vida por nós, na cruz - é que o homem tenha vida e vida em plenitude: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O escutar a voz de Deus e seguir os seus caminhos não implica ser coarctado na própria liberdade nem um diminuir-se como ser humano. Ao contrário, é o rasgar de horizontes infinitos de plenitude de ser e de vida.

Essa amplidão de horizontes podemos constatar na vida do jovem Cláudio Poullart des Places a partir do momento em que abriu o coração a dimensão do amor misericordioso de Deus: deixou o mundo fechado - de que era refém - da aristocracia a que pertencia a sua família, para abrir os olhos sobre o outro mundo, bem mais amplo, do Reino de Deus, a que são chamados os pequenos, os pobres, os deserdados e excluídos deste mundo, que infelizmente constituem ainda hoje a maioria da família humana.

Esta mudança profunda de vida não se apresentava nada fácil ao Jovem Cláudio. Ele sabia que a tentação do viver cómodo que a sua ascendência aristocrata lhe oferecia a par do êxito e da glória a que tão inclinado se sentia, não era fácil de superar. E é por isso que se dirige a Deus e suplica:

“Quereis, meu Deus, que eu seja homem, mas que o seja segundo o vosso coração. Compreendo o que, numa palavra, me pedis, e quero dar-vo-lo, porque me ajudareis, dar-me-eis a força e me ungireis com a vossa Sabedoria e a vossa virtude. Preciso da vossa ajuda para me defender do tentador. Abandono o seu partido, mas ele tentará prender-me às suas horríveis cadeias. Este inimigo é poderoso quando não estais presente. É tarefa vossa, meu Deus, combater por mim. Confio-me inteiramente a Vós, porque sei que tomais sempre o partido daqueles que esperam em Vós, e que nada têm a temer quando fazem o que podem e Vós os amparais”.

Adorar em Espírito e Verdade

“Todos os anjos estavam ao redor do trono, dos anciãos e dos quatro viventes; prostraram-se sobre seus rostos, diante do trono, e adoraram a Deus, dizendo: “Amen. Louvor, glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amen.” (Ap 7,11-12).

Ouve-se, com frequência, dizer que se adora isto ou aquilo, ou um ente querido. A adoração, porém, só a Deus é devida: “Ao Senhor, teu Deus adorarás e só a Ele prestarás culto” (Dt 6,13; cf. Mt 4,10).

A adoração é a atitude de quem se descalça e permanece de joelhos diante do mistério de Deus (cf. Ex 3, 2-6). A adoração é reverência, reconhecimento da pequenez da criatura humana que somos, perante a infinita majestade de Deus, que é Criador e Senhor. A adoração é amor reverencial de quem se sabe amado por Deus, que é Amor infinito! No coração de quem, por graça de Deus, adquiriu o verdadeiro conhecimento de si - da sua condição de criatura frágil e vulnerável - e o verdadeiro conhecimento de Deus Amor, nasce espontânea a adoração. O coração entende - não com medo, mas com reverência e amor - que de joelhos é como melhor se está diante de Deus.

O coração entende - não com medo, mas com reverência e amor - que de joelhos é como melhor se está diante de Deus

Não admira, por isso, que Jesus nos convide a adorar o Pai em espírito e verdade: “Vai chegar a hora e já chegou em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os seus adoradores em espírito e verdade é que o devem adorar” (Jo 4,23-24).

A adoração em espírito e em verdade não se restringe aos momentos de culto e oração. É, antes, atitude que perpassa todo o viver e agir de quem deseja responder com amor e gratidão ao amor de Deus, que primeiro nos amou.

Adorar em espírito e verdade é viver descentrado de si mesmo, porque inteiramente centrado em Deus, de olhar fixo no Senhor. Adorar em espírito e verdade é caminhar na presença de Deus e servir o Senhor em santidade e justiça todos os dias da nossa vida (cf. Lc 1,75). Aliás, outra coisa não espera o Senhor de nós: “Como me apresentarei ao Senhor, e me prostrarei diante do Deus excelso? Já te foi dito, ó homem, o que te convém, o que o Senhor requer de ti: Que pratiques a justiça, que ames a misericórdia, e que andes em humildade diante de Deus” (Mq 6,6.8).

Pois bem, Cláudio Francisco, querendo responder com amor e obediência filial a Deus, assume esta atitude de adoração na sua vida, como podemos constatar pela bela oração que ele rezava várias vezes ao dia à Santíssima Trindade:

“Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, que, por vossa graça, adoro de todo o coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, suplico-vos que vos digneis conceder-me a fé, a humildade, a castidade, a graça de não fazer, de não dizer, de não pensar, de não ver, de não escutar e de não desejar senão o que Vós quereis que eu faça, diga, pense, veja e escute. Concedei-me estas graças, meu Deus, com a vossa santíssima bênção, e que - o meu coração e o meu espírito, não estando cheios senão de Vós - eu permaneça sempre na vossa presença e vos reze sem cessar, como devo. Meu Jesus, permaneci eternamente em mim e eu em Vós. Por intermédio da Santíssima Virgem, entrego em vossas mãos o meu espírito e o meu coração”.

*eu permaneça
sempre na vossa
presença e vos reze
sem cessar, como
devo*

A Missão Nasce do Amor

“Tendo sido batizado todo o povo, e no momento em que Jesus se encontrava em oração, depois de ter sido batizado, o Céu abriu-se e o Espírito Santa desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E uma voz veio do Céu: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu enlevo” (Lc 3,21-22).

Efectivamente, é o Amor que sustenta Jesus na hora crucificante da missão

Jesus, o Enviado do Pai por excelência, vive a missão com a unção do Espírito Santo (cf. Lc 4,18). Mas a missão que o Pai lhe confiou não foi nada fácil, pois levou-o até ao extremo de dar a vida, na cruz. Qual a força interior que animava Jesus Cristo? O relato do Baptismo de Jesus no Jordão oferece-nos a resposta: A unção do Espírito, que lhe comunica a certeza inamovível de ser o “Filho muito amado” do Pai. Efectivamente, é o Amor que sustenta Jesus na hora crucificante da missão.

Pois bem, foi o encontro com o amor de Deus revelado em Jesus Cristo que despertou no coração de Cláudio Poullart des Places o imperativo da missão. Na verdade, ele entende a missão como proclamação agradecida do amor de Deus, anúncio jubiloso das maravilhas do seu amor misericordioso:

“Dar-vos-ei a conhecer as corações que jamais vos conheciam. Conhecendo eu mesmo a desordem das almas que vivem no mau hábito, persuadirei, convencerei, forçarei a mudar de vida; e sereis louvado eternamente por lábios que eternamente vos amaldiçoariam. Anunciarei a esses miseráveis o que a vossa divina bondade me fez escutar hoje. Servir-me-ei dos poderosos meios da graça para os converter.

“Não me cansava de falar destes benefícios [de Deus], encontrava pouquíssima gente a quem contá-los, não sentia prazer a não ser nas conversas em que Deus não era esquecido, constituía motivo de escrúpulo para mim ter ficado em silêncio quando tivesse tido uma ocasião para falar dele”.

Na verdade, quando alguém “saboreou como o Senhor é bom” (1 Pe 2,3), quando alguém “viu” a salvação de Deus, não pode deixar de dizer com S. Paulo: “Ai de mim, se não evangelizar” (1 Cor 19, 16)!

Ao descobrir a beleza e a bondade do amor de Deus, Cláudio Francisco sente-se movido a sacrificar tudo, até as coisas mais lícitas que a vida neste mundo oferece, a fim de corresponder ao amor do Senhor. Quer levar a Boa Nova do amor divino até aos confins do mundo, fazendo da própria vida uma oferta de amor:

“Quase não podia pensar senão em Deus. A minha maior pena era não pensar sempre nele. Não desejava senão amá-lo e, para merecer o seu amor, tinha renunciado até às coisas mais lícitas da vida. Desejava ver-me um dia despido de tudo, a viver apenas de esmolas, depois de tudo haver dado. De todos os bens temporais, não queria guardar a não ser a saúde da qual desejava fazer um sacrifício total a Deus no trabalho das missões. E considerar-me-ia imensamente feliz se, após ter abrasado o mundo inteiro do amor de Deus, tivesse podido dar, até à última gota, o meu sangue, por aquele cujos benefícios me estavam quase sempre presentes”.

*A missão nasce
do Amor e é
irradiação do
Amor*

A missão nasce do Amor e é irradiação do Amor! Esta é uma convicção que encontramos na perspectiva da Missão que nos oferece Francisco Libermann, o segundo Fundador da Família Espiritana.

A missão é irradiação do Amor de Deus. A missão é irradiação do Espírito. Por outras palavras: a Missão nasce no “coração” da Trindade. E pela acção do Espírito Santo que Jesus Cristo vive e realiza a missão que o Pai Lhe confiou; e, antes de partir para o Pai, promete enviar-nos o Espírito da Verdade (cf. Jo 14,16.26; A ct. 1,4-8).

Os Actos dos Apóstolos dão testemunho da consciência que a Igreja nascente tinha de viver e realizar a missão pelo poder do Espírito. Na carta apóstolica *Redemptoris missio*, João Paulo II afirma que o protagonista da Missão é o Espírito. Precisamente nesta perspectiva nos situa o Venerável Libermann, quando diz:

“Um é o que semeia, isto é, o Filho de Deus, o Verbo encarnado. É Ele que merece e que comunica a cada alma a semente da graça. Outro é o que recolhe, isto é, o Espírito Santo. É Ele que e a luz e a força dos Apóstolos; é Ele que é a força das suas palavras; é Ele que toca as almas, que as atrai; é Ele que é a Vida

comunicada nos sacramentos, que fazem entrar na Igreja e que santificam. Nosso Senhor atribui a si o envio dos ceifeiros porque é Ele que envia o Espírito Santo, mas é o divino Espírito que consuma, e é o verdadeiro ceifeiro”.

União com Deus e Missão

“Permanecei em mim e Eu permanecerei em vós. Como a vara não pode dar fruto por si mesma se não estiver na videira, assim acontecerá convosco se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora como a vara, e secará; lançá-lo-ão ao fogo e arderá. Se vós estiverdes em mim e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e ser-vos-á concedido. Dando vós muito fruto, meu Pai é glorificado; e assim sereis meus discípulos”
(Jo 15,4-8).

No capítulo 15 do Evangelho de João, Jesus diz-nos que só na medida em que permanecemos unidos a Ele é que podemos dar fruto. Sem esta íntima e vital união com o Senhor, não podemos fazer nada: por mais que nos afadiguemos em tarefas apostólicas, nada faremos para o crescimento do Reino de Deus.

*a missão é envio.
Mas o envio implica
uma relação*

A oração autêntica leva á missão. E só há vivência da missão quando há oração. Como a própria palavra diz, a missão é envio. Mas o envio implica uma relação. A relação do enviado com aquele que envia, e deste com o enviado. E ainda, a relação do enviado com aqueles a quem é enviado, e destes com o enviado. A missão tem uma origem e um objectivo. Entre a origem e o objectivo, uma relação que lhe dá sentido e fundamento.

Quando falo de missão, gosto de me referir a Francisco Libermann. Ora, a perspectiva que tem o Venerável Libermann da missão é, antes de mais, cristocêntrica. Ele entende que a missão da Igreja e, na Igreja, a nossa missão, não é senão a missão de Jesus Cristo.

Como Jesus Cristo foi Enviado pelo Pai, assim nós somos enviados por Ele. Ele nos chama. Ele nos envia. É em seu nome que vivemos a missão. Na verdade, os membros da Congregação, diz o Venerável Libermann, “imbuir-seão da ideia de que o Filho de Deus os envia como seu Pai O enviou”, pois formam uma comunidade de consagrados que “em nome e como enviados de Jesus Cristo, se dedicam inteiramente a anunciar o seu Evangelho e a estabelecer o seu Reino entre os pobres e os mais abandonados na Igreja de Deus”.

Não há senão uma missão: a missão que o Pai confiou a Jesus, pelo poder do Espírito. A nossa missão é partilha e comunhão na missão de Jesus Cristo. Mas a nossa participação na missão do Salvador só acontece na medida em que vivemos unidos a Ele e temos a sua vida em nós.

Desta compreensão da missão, que Francisco Libermann nos oferece, dimana toda uma dinâmica de vida e de acção. A missão é um apelo que compromete por inteiro a vida e a pessoa do missionário.

*A vida é missão.
A missão é vida.
No interior, no
coração desta
vida, a relação do
missionário com
Cristo*

A vida é missão. A missão é vida. No interior, no coração desta vida, a relação do missionário com Cristo. Que relação? A relação que Jesus tinha com o Pai, enquanto Enviado do Pai, essa relação tem-na o missionário com Jesus Cristo. Eis como se expressa Francisco Libermann:

“Nós somos, em relação a Jesus que nos enviou, o que Jesus era para seu Pai”. E qual era a relação de Jesus Cristo com o Pai? “Como é que o Pai enviou o seu Filho? Não O enviou para que Ele se santificasse, a fim de santificar os outros na santidade e na verdade?” Pois bem, “vivendo em nós e comunicando-nos a missão que recebeu de seu Pai, Jesus Cristo envia-nos como Ele mesmo foi enviado, e quer que aqueles que nos vêem, O vejam em nós como se via o Pai nele, e isto pela santidade da nossa vida, pela sua semelhança com a dele, e pela nossa união com Ele”.

Esta perspectiva que o Venerável Libermann nos oferece da missão, podemos entrevê-la em Cláudio Poullart des Places, pois insiste, nos Regulamentos do Seminário, a que deu o nome de Regulamentos Gerais e Particulares, na importância do cultivo de uma vida de santidade e de união com Deus, que passa pela oração e vivência assídua dos sacramentos. Transcrevo, a título de exemplo, algumas das prescrições:

“Far-se-á, todas as manhãs, um pouco mais de meia hora de oração mental e vocal. A primeira será sempre a mesma e só durará um quarto de hora, para deixar cerca de meia hora para a segunda, cujo tema poderá mudar todos os dias.

“Antes de cada estudo ou explicação, pedir-se-á ao Espírito Santo luz para trabalhar com eficácia. Recitar-se-á todos os dias o ofício ao Espírito Santo.

“Elevar-se-á o mais frequentemente possível o coração para Deus, durante o dia.

“Nada se recomenda mais insistentemente do que a assistência à santa Missa com todo o respeito possível, a que não se faltará nunca a não ser por doença.

“Aproximar-nos-emos de oito em oito em oito dias do Sacramento da penitência”.

O exemplo mais claro da importância que Cláudio Francisco dá a união com Deus, através da oração, está na sua própria prática, de que temos algumas indicações nos Fragmentos de um Regulamento Particular, referentes ao seu projecto pessoal de vida espiritual, Para nos apercebermos da assiduidade e intensidade da sua vida de oração basta considerar o artigo 15º:

“Nunca entrarei nem sairei do meu quarto (se não tiver afazeres muito urgentes), sem ajoelhar-me e sem pedir a bênção do Bom Deus, mais ou menos do seguinte modo... “Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, que, por vossa graça, adoro de todo o coração, com toda a minha alma e com todas as minhas forças, suplico-vos que vos digneis conceder-me a fé, a humildade, a castidade, a graça de não

fazer, de não dizer, de não pensar, de não ver, de não escutar e de não desejar senão o que Vós quereis que eu faça, diga, pense, veja e escute. Concedei-me estas graças, meu Deus, com a vossa santíssima bênção, e que - o meu coração e o meu espírito, não estando cheios senão de Vós - eu permaneça sempre na vossa presença e vos reze sem cessar, como devo. Meu Jesus, sede meu Jesus eternamente; permaneci eternamente em mim e eu em Vós. Por intermédio da Santíssima Virgem, entrego em vossas mãos o meu espírito e o meu coração; em nome do meu Jesus e de Maria”.

Seja-me desculpada esta repetida citação, mas ela mostra como nenhuma outra o lugar que o jovem Fundador dava à sua união com Jesus Cristo. Na versão mais longa desta oração, que Cláudio Francisco rezava de manhã e de tarde, ele pede, a par de outras, a graça de viver profundamente unido a Jesus Cristo e intimamente compenetrado dos mistérios da sua vida neste mundo:

“Concedei-me ainda a graça, meu Deus, de gravar em meu coração, com indeléveis traços da vossa graça, a morte e a paixão do meu Jesus, a sua vida sagrada e a sua santa Encarnação”.

*Agostinho Tavares, S.S.Sp.
Seminário das Missões. Braga, Portugal*